

Os anagramas de Saussure: seu modo de presença nos estudos da linguagem¹

Marcen de Oliveira Souza

Doutorando/Universidade Federal de Uberlândia

Resumo: Os Anagramas de Saussure (1906-1909) correspondem às pesquisas no campo poético e, por serem concomitantes às aulas que originaram o *Curso de Linguística Geral* (1916), propomos investigar como os estudiosos relacionam ambas as produções a partir de: a) uma oposição entre essas produções; b) uma relação de contrapontos; c) de uma tensão entre essas pesquisas e c) uma relação direta entre ambas. Portanto, considerando os pontos supracitados, a proposta deste artigo é examinar, em alguns autores, como as produções saussurianas são tratadas quando se considera não só o *Curso de Linguística Geral*, mas também as pesquisas sobre os anagramas.

Palavras-chave: Saussure. Anagramas. Curso de Linguística Geral.

Abstract: The papers on the anagrams of Saussure (1906-1909) are a survey on classical poetry. Whereas these studies were concomitant with the lessons that led to the *Course in General Linguistics*, the objective of this paper is to analyze how the scholars relate both Saussurian productions from: a) an opposition between these productions b) a list of counterpoints c) a tension between these surveys and c) a direct relationship between both. Therefore, considering the above points, our proposal is to examine in some authors, how the Saussurian productions are treated when you consider not only the *Course in General Linguistics*, but also the Saussure's surveys on the anagrams.

Keywords: Anagrams. Saussure. Course in General Linguistics.

Résumé: Les anagrammes de Saussure (1906-1909) sont des études dans le domaine de la poésie. Considérant que ces études ont été concomitante avec les leçons qui ont conduit à la *Cours de linguistique générale*, l'objectif de cet article est d'analyser comment les savants concernent à la fois les productions saussurienne de: a) une opposition entre ces productions b) une liste des contrepoints c) tension entre ces enquêtes et d) une relation directe entre les deux. Par conséquent, compte tenu les points ci-dessus, notre proposition est d'examiner dans certains auteurs, comment les productions saussurienne sont traits, si l'on considère non seulement le *Cours de linguistique générale*, mais aussi les enquêtes sur les anagrammes.

Mots clés: Anagrammes. Saussure. Cours de Linguistique Générale.

¹ Recebido em 08 de julho de 2013.

Introdução

Os estudos saussurianos sobre os anagramas tiveram início em maio de 1906, tendo como foco inicial a análise dos aspectos quantitativos, entonacionais e das repetições fônicas dos versos saturninos. Além de analisar poetas do período clássico – em poemas latinos, gregos e védicos – como Virgílio, Catulo, Ovídio, Horácio, entre outros, Saussure pesquisou, nos textos em prosa, escritores como Plínio, Cícero, César e Valério Máximo, constatando o mesmo fenômeno de repetição fônica.

Uma das primeiras leituras dos manuscritos de Saussure sobre os anagramas foi realizada por Jean Starobinski em 1964 e publicada no Brasil em 1974 com o título *As palavras sob as palavras*. Starobinski declara que este trabalho de Saussure consiste num verdadeiro ato de extração, ao qual Saussure estabelece regras e leis que conduzem a uma comprovação da realização dos anagramas nos poemas. Em linhas gerais, o termo anagrama consiste em reescrever as letras de uma determinada palavra, transmutando-a em uma nova, mantendo, porém, a mesma quantidade de letras. Entretanto, conforme esse autor, a análise dos anagramas tem por base as características fônicas e não as letras, indo além de uma simples análise poética tradicional. A partir da observação dos versos saturninos, Saussure percebeu a presença de fragmentos fônicos no poema que, uma vez associados, formavam nomes relacionados a personagens históricas ou lendárias, de modo a constituir um outro texto sob o poema. Autores como

Wunderli (2004) indicam que Saussure descobriu uma longa tradição poética, encontrada do sânscrito até Homero, de autores pré-clássicos até a moderna poesia latina. Starobinski (1974) observa que as pesquisas estenderam-se até os primeiros meses de 1909, somando quase 150 cadernos², dos quais 115 foram sobre os anagramas, 26 sobre métrica védica e o restante sobre as lendas³ germânicas *Nibelungen*, estudadas no ano de 1910.

Entretanto, Starobinski (1974) observa que toda a evidência dos anagramas nos poemas não satisfaz Saussure em sua busca por uma prova científica. Segundo De Lemos, a presença dos anagramas nos poemas gerava impasses, de modo que a questão para Saussure era: “[...] a palavra que eu recorto e colo está no texto ou só eu a vejo?” (*apud* Silva, 2009:150). Assim, estas inquietações levaram-no a se corresponder com algumas pessoas sobre as pesquisas sobre os anagramas. Silveira (2007:96) destaca que os assuntos abordados por Saussure sobre os anagramas “[...] não circularam entre seus pares a não ser por meio de observações em cartas a amigos íntimos, Meillet em particular”.

Apesar de serem concomitantes, isto é, os anagramas datarem de 1906 a 1909 e o CLG⁴ de 1907 a 1911, autores como Calvet (1975) e Kristeva (1968) postulam a existência de uma divisão/oposição nas ideias saussurianas. Para estes, a divisão opera entre as pesquisas sobre os anagramas (Saussure noturno) e os cursos de Linguística

² Estes cadernos encontram-se nos arquivos da Biblioteca Pública de Genebra.

³ As lendas germânicas compreendem um estudo a parte dos anagramas.

⁴ CLG é a abreviação do *Curso de Linguística Geral*, também conhecido como *Cours*.

Geral (Saussure diurno). Outros autores procuram justificar esta posição, afirmando que:

Em nome de Saussure, os linguístas se dividem, porque o próprio Saussure carrega em si essa divisão, que transparece na dicotomia fácil que opõe o Saussure do *Cours de linguistique générale* (tanto mais claro e frio quanto for comentado segundo a leitura dos editores), ao dos *Anagrammes* (em que vaga a obscura loucura da decodificação, das associações escondidas nos versos saturninos). (Gadet; Pêcheux, 2004:55).

De fato, a maioria dos autores procura analisar os manuscritos sobre os anagramas (1906-1909) à sombra dos Cursos de Linguística Geral (1907-1911), caracterizando-se por: i) estudos que apontam a existência de uma oposição entre ambas as produções saussurianas; ii) estudos que tecem contrapontos com os principais conceitos sobre a língua no CLG; iii) estudos que abordam ambas as produções mostrando haver uma tensão entre o *Cours* e iv) estudos que relacionam ambas as produções numa perspectiva de total convergência.

Entre os autores que consideram a existência de uma oposição entre ambas as pesquisas de Saussure, destacam-se Kristeva (1968), Calvet (1975) e Lopes (1993); do ponto de vista de uma relação indireta, têm-se os trabalhos de Kinser (1979), Arrivé (1992, 2007), Turpin (1992), Wunderli (2004), entre outros, que fazem contrapontos entre as produções saussurianas. Por outro lado, há estudiosos que apontam a presença de uma tensão entre os trabalhos de Saussure: Gadet e Pêuchex (1981), Milner (1987), De Lemos (1995,

2009), Silveira (2007) e Siscar (2010); por fim, numa relação direta, distingue-se o trabalho de Silva (2009), que relaciona o trabalho sobre os anagramas com a teoria do Valor presente no CLG.

Deste modo, em um primeiro momento, este artigo fará uma breve exposição da terminologia – e respectivo funcionamento – empregada por Saussure em suas elaborações sobre os anagramas. Após isto, será feita uma análise dos trabalhos produzidos, a partir de Starobinski, em relação à produção saussuriana sobre os anagramas. Em seguida, será apresentado um autor de cada uma das perspectivas supracitadas, quais sejam: o ponto de vista de Calvet (1975), que trata de uma oposição entre ambas as produções de Saussure; a perspectiva de Wunderli (2004), que estabelece contrapontos, a partir dos conceitos de signo, forma e substância, presentes no CLG, com os anagramas; a relação de tensão entre os anagramas e o *Cours*, a partir da teoria psicanalítica, com a abordagem de Milner (1987), norteado pelo conceito lacaniano de *alíngua*, e a discussão proposta por Gadet e Pêcheux (2004), numa correlação entre o real da língua e o real da história; por último, será abordado o trabalho de Silva (2009) na relação da teoria do valor com as produções sobre os anagramas.

Assim, ao delimitar cada uma dessas abordagens, no universo dos estudos realizados a partir da produção de Saussure sobre os anagramas, espera-se apontar, mesmo que em parte, o que se tem produzido e como os estudiosos da linguagem abordam essas produções saussurianas. Ao final, propõe-se um olhar reflexivo, considerando as abordagens exploradas no presente artigo, buscando

apontar os deslocamentos e efeitos para os quais estas pesquisas têm contribuído sejam para o campo da Linguística, ou para outras áreas das ciências humanas.

A terminologia saussuriana nos anagramas e seu funcionamento

Em relação aos cadernos de Saussure sobre os anagramas, Starobinski (1974:8) ressalta que “O essencial desses [...] é ocupado por exercícios de decifração”. Nesse sentido, Starobinski (1974) e Wunderli (2004) concordam que Saussure, após investigar as características acentuais e quantitativas dos versos saturninos, analisou as aliteraões, que passaram a ser mais do que um “[...] eco ocasional” (Starobinski 1974:16). Deste modo, o mestre genebrino notou que tanto as vogais quanto as consoantes, ao figurar uma primeira vez no verso, apareciam sempre em números pares, e a partir dessa constatação, elaborou a *lei do acoplamento*.

Starobinski (1974) afirma que o objetivo destas combinações fônicas é a constituição do *tema*. Segundo este autor, em um dos rascunhos Saussure rabiscou a palavra “texto”, substituindo-a por *tema*. A partir disto, Starobinski (1974:19) supõe que Saussure havia pensado “[...] num texto sob o texto, num pré-texto, no sentido lato do termo”. O tema, de modo geral, seria composto por palavras-chave, como nomes próprios etc., escolhidos pelo poeta ou por quem patrocinava a inscrição subtextual do poema. Por não revelar uma

simples combinação de letras, a atenção de Saussure recaiu sobre os fonemas esparsos no poema, que conduziam à reconstituição de um possível nome próprio. Além disso, Starobinski (1974) observa que, ao constituírem uma sequência não-linear nos versos, os fonemas anagramáticos estarão ‘rodeados’ por outros elementos indiferentes a eles mesmos.

Outro conceito ligado ao de anagrama é o de *hipograma*. A noção de hipograma, de acordo com Saussure está vinculada à palavra-tema, sendo que sua função é de “[...] sublinhar um nome, uma palavra, esforçando-se por repetir as sílabas, e dando-lhe assim uma segunda maneira de ser, fictícia, por assim dizer, à forma original da palavra” (*apud* Starobinski 1974:24). Embora a terminologia proposta por Saussure passe por diversas modificações ao longo de suas pesquisas, observa-se um Saussure sempre atento quanto à escolha do termo, na medida em que seu pensamento refina a ideia que melhor descreva o processo anagramático. Mesmo que as variações terminológicas sejam inúmeras, Silva (2009:146) sintetiza os dois conceitos principais, mostrando que o hipograma “[...] é um nome, normalmente de um deus ou de um herói, escolhido pelo poeta e que deve ter seus fonemas diluídos ao longo do poema [...] já o anagrama é o processo responsável pela diluição do hipograma nos versos [...]”. No exemplo a seguir, pode-se observar a formação de um hipograma, cujo vocábulo revela o

nome Scipio⁵, composto a partir dos elementos fônicos do verso saturnino: *Taurasia Cīsauna Samnio cēpi*.

Um terceiro conceito que aparece como elemento de composição do hipograma é o *dífono*. Este termo compreende a junção de dois fones pareados, que, por sua vez, permite a realização do anagrama e a reconstituição do hipograma. Deste modo, todo hipograma está ligado à noção do dífono. Para Starobinski (1974:34), “[...] É o papel do dífono que justifica a passagem da noção de anagrama (onde intervêm apenas monófonos) à noção de hipograma [...]”. Entretanto, ainda que nuclear, os dífonos podem-se ligar a monófonos no interior dos versos.

Em uma das passagens destes manuscritos, Saussure delimita também a noção de *locus princeps*, ou seja, “[...] o lugar especialmente destinado a este nome” (*apud* Starobinski 1974:37) – o hipograma. Este lugar, também conhecido como *manequim*, indica ao leitor a localização do hipograma a partir de seu fone inicial e final; assim, o manequim pode aparecer tanto em um vocábulo do poema como em um verso completo. O exemplo a seguir, extraído do poema *Eneida* II, de Virgílio, revela o hipograma *Priamides: Tempus erat quo prima quies mortalibus aegris*⁶, destacado pelo manequim: |pri.....es|, a partir dos vocábulos *prima* e *quies*.

⁵ Cipião o Africano (em lat. *Publius Cornelius Scipio Africanus*) foi um general romano (c.: Larousse, 2007:1268)

⁶ Tradução: “Era o tempo em que começa o primeiro sono para os atormentados mortais” (Silva 2009:149).

Silva (2009:149) retoma esta passagem, procedendo a uma análise complementar, exemplificando as relações entre os elementos difônicos e monofônicos:

(1) || PRI(M)A quIES||

P + RI = inicial + dífono interior

RI + (M) = dífono interior + monófono interior

R + A = dífono interior + monófono interior

IE + S = dífono interior + final ou I + ES = monófono interior + dífono final

Starobinski (1974) destaca vários exemplos em que surgem hipogramas, como os nomes Apolo, Falerni, Afrodite etc., os quais revelam o funcionamento do anagrama a partir dos termos propostos por Saussure. Um aspecto que merece atenção, neste momento, é o fato de alguns hipogramas terem seus elementos fônicos situados numa sequência linear, enquanto outros não. Saussure (*apud* Starobinski, 1974) nomeou este tipo de funcionamento de *consecutividade*⁷. Nas palavras de Wunderli (2004:176), a consecutividade “[...] não é obrigatória: usualmente esta ordem não é respeitada, e a sequência dos elementos que compõem o anagrama é opcional”⁸.

Deste modo, nota-se que a relevância dos anagramas na composição poética é tal que, para Saussure “[...] não se pode fazer

⁷ Ao utilizar este termo, Saussure inova a terminologia com relação à noção de *linearidade*, delineada no *Curso de Linguística Geral*, que por sua vez trata-se de um dos princípios do signifiante.

⁸ Tradução nossa de: “[...] is not obligatory: usually this order or not respected, and the sequence of the elements forming the anagram is optional”.

dos anagramas como de um jogo de acessórios da versificação, eles se tornam a base, quer o versificador queira ou não” sendo que, o poeta, estará “[...] sob o domínio do anagrama [...]”. (*apud* Starobinski, 1974:23). Além disso, o mestre genebrino considera que

O ‘discurso’ poético não será, pois, senão a segunda maneira de ser de um nome: uma variação desenvolvida que deixaria perceber, por um leitor perspicaz, a presença evidente (mas dispersa) dos fonemas condutores. O hipograma desliza um nome simples na disposição complexa das sílabas de um verso; a questão é reconhecer e reunir as sílabas condutoras, como Ísis reunia o corpo despedaçado de Osíris. (*apud* Starobinski, 1974:25).

O trabalho de Saussure em especificar termos precisos teve como objetivo reconstituir os anagramas nos poemas. Os fonemas esparsos, porém ligados à palavra tema, tratam-se da linha mestra do discurso poético. Assim, Saussure tratou de resgatar, através dos traços fônicos, os nomes daqueles que uma vez constituíram um discurso passado e que agora sobrevivem num novo discurso. A terminologia utilizada por Saussure é um meio de regar e cercar a suspeita de que o fenômeno dos anagramas não se trata de uma análise subjetiva do linguista, mas sim uma evidência de que os poetas clássicos utilizavam da fragmentação fônica de um hipograma no discurso poético.

Breve panorama dos estudos sobre os anagramas no campo dos estudos da linguagem

Após a divulgação dos manuscritos saussurianos sobre os anagramas no final da década de 60 e início dos anos 70 do século XX, Wunderli (2004) relata que vários teóricos da literatura francesa abraçaram as ideias saussurianas presentes nestes manuscritos. Este mesmo autor registra que integrantes da revista *Tel Quel* como Julia Kristeva (1966; 1969), Philippe Sollers (1970), Jacques Derrida e outros, trabalharam a noção de anagrama em uma nova perspectiva semiótica na teoria poética (Wunderli, 2004). Neste ínterim, Thomas Aron (1970) publica na revista *Langue Française*, o artigo "Uma segunda revolução saussuriana?", título este bastante ilustrativo para aquele momento de descobertas das inéditas produções de Saussure.

Alguns autores, como Calvet (1975), Kinser (1979) e Gadet e Pêcheux (2004), retomam o ano de 1974 como um marco nas pesquisas de Saussure sobre os anagramas, a partir da conferência realizada na Universidade de Columbia (EUA), cujo tema foi "Dois Saussure". Esta conferência foi dirigida pelo Grupo de Estudo Teórico sobre Semiótica, *Semiotext(e)*, cujo diretor à época era o professor Sylvère Lotringer, o qual também publicou artigos sobre este tema na revista francesa *Recherches*, nº 16, com o título "Les deux Saussure".

Kristeva afirma que a produção saussuriana sobre os anagramas é "[...] um acontecimento que liquida com a teoria do signo [...]" (*apud* De Lemos 1995:44); aliás, para esta autora, o Saussure dos

anagramas é um trabalho que refuta o pensamento elaborado no CLG. Neste sentido, pode se entender que a perspectiva de Kristeva é marcada por uma postura de oposição entre aquilo que Saussure produziu sobre os anagramas e aquilo que ele propôs no *Cours*.

Nesta mesma perspectiva, dentro de uma abordagem da intertextualidade, Lopes (1993) acentua que o que distancia os anagramas do CLG é que, enquanto, neste, Saussure ocupa-se da língua (*langue*) como um sistema de signos, o foco dos anagramas é a fala (*parole*). Neste sentido, Lopes afirma que se na língua o signo é *um signo já construído*, no discurso poético o *signo está em construção*. Compreende-se melhor a afirmação de Lopes quando diz que, para o Saussure dos anagramas, “[...] o poema é uma modalidade de discurso que se constrói pelo procedimento combinatorial de reconstruir um discurso anterior” (Lopes, 1993:110). Aquilo, portanto, que se encontra submerso, oculto, é justamente o ‘texto anterior’ que, no processo de anagramatização, traz à superfície o hipograma, ou o intratexto. Portanto, a noção de intertextualidade em Lopes – na análise sobre os anagramas – é fundamentada na concepção dialógica do discurso, ou seja, entre um discurso construído sobre outro discurso. O princípio anagramático é visto, portanto, como norteador na construção de um novo discurso, o poema.

Por outro lado, o recenseamento bibliográfico realizado indica que a maioria dos autores que estudam as produções saussurianas sobre os anagramas levanta contrapontos em relação ao *Curso de Linguística Geral*, isto é, estabelecem um cotejamento entre as

concepções presentes nas produções saussurianas. Observa-se que a noção de contrapontos aqui não se trata de oposição, mas sim de estudos que visam comparar os aspectos primordiais dessas produções.

Para Starobinski (1974), o *Saussure dos anagramas* possui uma necessidade de elaborar leis analíticas nos poemas estudados, da mesma forma que *Saussure do CLG* organiza os princípios da língua. Neste sentido, assim como se procede nesta obra, em que a língua é um sistema que obedece a leis intrínsecas, nos anagramas Saussure procura estabelecer regras que possibilitam o estudo sincrônico do seu funcionamento. Jakobson (1971) também concorda que Saussure analisa o fenômeno dos anagramas a partir de um viés linguístico, apesar de destacar que este fenômeno possui particularidades, constituídas pela heterogeneidade da linguagem e manifestadas na realização poética. Entretanto, para este linguista, o anagrama pertence ao campo da linguagem, beneficiando tanto a Poética quanto a Linguística.

Por outro ângulo, Kinser (1979) sustenta que o pensamento de Saussure nos anagramas é pautado a partir da noção de ideologia de Karl Marx: os aspectos políticos, sociais e culturais que permeiam os poemas, refletidos a partir dos nomes que aparecem nos anagramas (militares, deuses, reis etc.) constituem uma evidência de que Saussure baseou suas pesquisas nestas concepções ideológicas. Neste aspecto, Kinser tece contrapontos, aproximando as duas produções

saussurianas a partir do aspecto social da linguagem abordado no CLG com o viés ideológico marxista.

Nesta mesma perspectiva, Arrivé (1995) argumenta que o termo *literatura*, tratado a partir das análises poéticas nos manuscritos saussurianos sobre os anagramas, não se encontra totalmente marginalizado no *Cours*. Ao mostrar que o vocábulo ‘literatura’ aparece três vezes no CLG, Arrivé (1995) estabelece uma relação entre a ‘língua literária’ e o aspecto cultural da língua expressa a partir do escrito. Posteriormente, este autor investiga a relação postulada no CLG entre a literatura e o sistema escrito e suas especificidades enquanto funcionamento literário-anagramático, tendo em vista os aspectos formais da língua, como significante, significado e linearidade.

Já Turpin (1995) ressalta que “A teoria anagramática também aparece como uma tentativa de aparar as potencialidades do sistema”⁹ (Turpin, 1995:306). Deste modo, este autor observa que, através da análise sobre os anagramas, é possível entrever um discurso da própria língua, ou seja, um discurso sobre outro discurso que complete a dicotomia língua/fala. Neste sentido, esse autor destaca, então, que “A fala é condicionada pela língua como também pelo discurso [...]”¹⁰ (Turpin, 1995:307) de tal modo que é a partir da língua que ocorre a liberdade do discurso.

⁹ Tradução nossa de: “La théorie anagrammatique peut en effet aussi apparaître comme une tentative pour juguler les potentialités du système”.

¹⁰ Tradução nossa de: “La parole est conditionnée par la langue comme elle l’est par le discours [...]”.

Num trabalho sobre poesia, Siscar (1997) afirma que “[...] a lei do anagrama [...] é a lei da língua” (Siscar, 1997:172). A partir desta constatação, Siscar expõe que a tentativa de Saussure em sistematizar regras para a composição anagramática é visada a partir de um olhar sincrônico. Além disso, o mesmo autor observa que Saussure dispensará a própria noção de linearidade do significante, temporal, diacrônica, para estabelecer um processo de relação entre fonemas num viés sincrônico da língua. Por outro lado, este autor denomina de “experiência da contradição” o caminho metodológico traçado por Saussure em sua tentativa de fixar regras num campo que lhe fornece infinitas probabilidades, resultando nas diversas correspondências que Saussure manteve ao longo de suas pesquisas sobre os poemas latinos.

Na perspectiva de tensão, De Lemos (1995:44) critica a divisão entre um Saussure dos anagramas e outro do CLG, afirmando que: “[...] vale a pena insistir em uma divisão que não produz oposições ou dualidades, que se faz reconhecer como uma tensão [...]”. Deste modo, a existência de uma tensão entre ambas as produções saussurianas pode ser compreendida a partir da concomitância entre uma e outra produção; Silveira (2007) salienta que tal concomitância indica que ambos os estudos convergem para uma mesma questão, ou seja, a língua. Por outro lado, de acordo com esta autora “[...] a Psicanálise talvez seja responsável (...) por colocar em relação as produções de Ferdinand de Saussure [...]” (Silveira, 2007:97) – acrescentemos – numa relação de tensão.

Neste *colocar em relação*, De Lemos (2009) concorda que, para dar conta do poético, daquilo que se manifesta nos anagramas, a Linguística deve dialogar com a Psicanálise. Assim, a relação de tensão que se estabelece entre as produções de Saussure situa-se a partir de pressupostos teóricos da Psicanálise com os conceitos de Inconsciente, de *Alíngua* (tradução do neologismo Lacaniano *Lalangue*), de Real (a partir do nó borromeano Real – Simbólico – Imaginário, teorizado por Jacques Lacan) e também com os conceitos da AD¹¹, isto é, de discurso, política e *real da história*.

Por último, o trabalho de Silva (2009) considera que a noção de valor, teorizada no CLG, está presente na análise dos anagramas. Ao destacar a teoria do valor como núcleo das articulações conceituais do *Cours*, e considerando a relação das unidades linguísticas nesta teoria, a autora aplica tais princípios teóricos às relações que se estabelecem entre as unidades dos anagramas, isto é, entre os fonemas hipogramáticos. Assim, Silva (2009) enfatiza que, da mesma forma que ocorre no sistema linguístico, o valor de um fonema hipogramático é estabelecido pelas relações diferenciais e negativas em suas relações com outros fonemas presentes no poema.

Detalhando as perspectivas sobre os anagramas

Ao deparar com os estudos saussurianos sobre os anagramas, Calvet (1975) questiona o porquê do silêncio que havia em relação a

¹¹ Abrev. Análise do Discurso.

estas produções no âmbito acadêmico, em contraste com toda a divulgação do *Cours de Linguistique Générale*. Este autor interroga também o porquê da obra CLG não citar as pesquisas sobre os anagramas, realizadas por Saussure entre 1906 e 1909. Neste sentido, Calvet (1975), com base nos estudos críticos de Engler, Godel e De Mauro, propõe um olhar crítico para a constituição do CLG, evidenciando uma ‘violação’ do pensamento saussuriano nesta constituição, além de considerar que as pesquisas de Saussure sobre os anagramas possuem uma direção oposta à do CLG.

A noção de *outro Saussure* permeia a obra de Calvet (1975), que enfatiza: “Mas o Saussure dos anagramas, o outro Saussure, é fonte de fecundas reflexões, as de Julia Kristeva ou de Yvan Fonagy” (*apud* Calvet 1975:13). Nesse aspecto, o autor justifica a escrita de sua própria obra, afirmando que esta

(...) pretende ser muito mais um pró e contra Saussure do que a tradução de uma crítica sistemática ou de uma oposição inteira e definitiva (...). Contra o Saussure do Curso, base de uma linguística estrutural e estereotipada e incapaz de explicar fatos de língua na sua diversidade, mas a favor do Saussure ligado aos fatos linguísticos concretos, do Saussure da fala e não da língua. (Calvet, 1975:13)

Assim, Calvet aponta três problemas na constituição do CLG: problema do plano do CLG, problema da heterogeneidade e problema da iniciativa dos editores, argumentando que o CLG tenta ‘vender’ uma “imagem de marca” de Saussure. Deste modo, Calvet apresenta esta “imagem” como uma violação e falseamento das ideias saussurianas, em que os editores fabricaram uma imagem saussuriana

em relação às ideias que o mestre genebrino havia lecionado em seus cursos entre 1907-1911.

Em contrapartida, as produções saussurianas sobre os anagramas parecem ocupar uma espécie de prova contra esta imagem fabricada, delatando a divergência entre uma ‘imagem de Saussure’, do *Curso de Linguística Geral* e o ‘homem Saussure’, dos anagramas. Para Calvet (1975), a descoberta dos manuscritos saussurianos sobre os anagramas pode ser avaliada como um trabalho que abre novas possibilidades de avaliações do pensamento de Saussure, consagrado a partir do CLG. Ainda com relação aos anagramas, segundo Calvet, “Nessas pesquisas, Saussure abre perspectivas inauditas ao estudo linguística da poesia” (Calvet 1975:38). Além disso, para este linguista, tal dicotomia também é relevante ao distinguir o Saussure das *línguas* e não da apenas da *língua*, como ficou conhecido no CLG. Assim, a questão levantada por Godel, “[...] qual é o lugar da Linguística geral na vida de Saussure?” (*apud* Calvet 1975:44), teria sua resposta delineada não no CLG, mas sim nos manuscritos do mestre genebrino.

Na perspectiva de contrapontos, Wunderli (2004) retoma o princípio de linearidade do signo linguístico exposto no CLG e analisa como este princípio é aplicado nas produções saussurianas sobre os anagramas. No *Curso de Linguística Geral*, Saussure (1973) afirma que “[...] a cadeia fônica tem, como caráter primário, ser linear” (Saussure 1973:120). Nesse sentido, o significante é inscrito numa dimensão sequencial de modo a constituir-se uma em uma linha.

Considerando esta visão da cadeia fônica, Wunderli (2004) mostra que o princípio da linearidade é suprimido no processo anagramático. Na realidade, nos anagramas, a linearidade dos fonemas que constituem o hipograma (palavra-tema) é controlada a partir da sequência difônica (ou polifônica), de modo que estes conjuntos fônicos podem aparecer numa ordem não-linear. Para este autor, os elementos fônicos do hipograma, ao figurarem dispersos no poema, violam, portanto, o princípio da linearidade.

Outra diferença entre os anagramas e o CLG, resultante deste primeiro contraponto é que o signo linguístico também é rompido. Nas palavras de Wunderli (2004), a ruptura do princípio da linearidade do significante, resultante do apagamento do elo entre este e o significado, é causa da supressão do signo linguístico. Desse modo, o encadeamento irregular dos fonemas hipogramáticos traduz no apagamento do signo linguístico. Entretanto, Wunderli (2004) advoga que esta possibilidade – de supressão do signo – advém da própria característica deste, isto é, de sua convencionalidade e arbitrariedade; a *perda do link* entre significante e significado torna-se também uma lei específica da linguagem poética, em que as regularidades da linguagem padrão permanecem intocadas.

Retomando a noção de que a língua para Saussure (1973) é uma forma e não substância, Wunderli (2004) expõe, ainda, outro contraponto: os elementos fônicos que constituem a palavra-tema devem ser tratados como substância e não como forma. Na realidade, justifica esta inversão afirmando que “[...] o anagrama, [...] não é um

fenômeno linguístico, mas sim um fenômeno poético [...]”¹² (Wunderli 2004:181). Assim, a dicotomia forma e substância, se aplicada aos anagramas, adquire um novo ponto de vista. Neste ângulo, os elementos fônicos dispersos em grupos nos versos do poema são elementos substanciais de uma unidade previamente estabelecida, o hipograma: eles somente seriam elementos formais antes e depois da *anagramatização*.

Wunderli (2004) ressalta que, tanto a interrupção do princípio da linearidade quanto a inversão dos elementos fônicos, de entidades formais para substanciais, é tão somente realizado a partir de uma ‘licença poética’, típico fenômeno da linguagem. Apesar destes contrapontos, Wunderli (2004) esclarece que não se trata de ‘contradições’ teóricas observadas nas produções saussurianas, mas sim de campos específicos da linguagem. Isso se justifica, de acordo com este autor, pelo próprio fato de que, ao deixar o aspecto linguístico, o hipograma não deixa o campo da língua/linguagem, pelo motivo de ser possível restaurá-lo após a reconstituição do anagrama.

Na relação de tensão¹³ entre as produções saussurianas sobre os anagramas e o *Curso de Linguística Geral*, Milner (1987) expressa, no prefácio da obra *O amor da Língua*, que a língua comporta algo da ordem de uma impossibilidade, de modo que a Linguística, mesmo

¹² Tradução nossa de: “(...) The anagram (...) is not a linguistic, but a poetic phenomenon (...)”

¹³ A relação de tensão é cunhada por De Lemos (1995) ao considerar, assim como Gadet e Pêcheux, que as produções saussurianas não estão em campos opostos, mas situam-se num *continuum*, entre aquilo que ele produzia diuturnamente (os estudos linguísticos) e noturnamente (os anagramas). Além disso, deve-se considerar que no, cruzamento dos campos da linguística, psicanálise e poética, há uma visão de tensão, entre língua, linguagem e *alíngua*, e não uma oposição destes fatos.

delimitando a língua como objeto de estudo, não é capaz de domesticá-la. Neste sentido, Milner observa que, para a Linguística, a língua deve ser isotópica, constituindo em si um objeto homogêneo. Porém, isso nem sempre acontece: há manifestações de singularidades, do imprevisível e daquilo que é impossível de nomear. Tal emergência singular manifesta-se pelos chamados equívocos, entre outros fatos, o que Lacan (1972) denominou de *Lalangue*, e em língua portuguesa traduziu-se por *alíngua*.

Milner destaca que a Linguística, como toda ciência, ignora a falta, aquilo que faz furo, que provoca uma divisão, e que Lacan ([1975-76], 2007) considerou como da ordem do Real, do que é impossível de ser simbolizado. Deste modo, a ciência linguística, tal como proposta no CLG delimita um objeto de estudo simétrico, a língua, e que, por outro lado, a *alíngua* é o lugar em que se manifesta aquilo que é contingente, tais como os lapsos e os chistes.

Milner (1987) pondera que, em sua constituição científica, a Linguística levou em conta dois aspectos. O primeiro foi a necessidade de formular um axioma, isto é, a noção de língua como um sistema de signos. O outro foi o conceito básico de signo linguístico. Este último aspecto, Milner (1987) ressalta que teve um peso essencial para Saussure até mesmo nas produções sobre anagramas. Entretanto, esse autor expõe que, apesar da essencialidade do signo, os princípios propostos por Saussure nos anagramas levavam a um impasse. O primeiro princípio mostrava que os elementos fônicos a serem anagramatizados deveriam estar em

pares (dífono); o segundo princípio revelava que tais pares estariam obrigatoriamente vinculados a um nome (o hipograma) e, por último, como Saussure descartava a possibilidade do acaso, ele sentia a necessidade de comprovar se os anagramas eram elaborados a partir de uma intenção consciente do poeta. O impasse que se apresentava era a necessidade de provar o fenômeno anagramático ora apontando textos em que não apareciam estes fenômenos, ora demonstrando que o mesmo fenômeno decorria dos princípios elencados. Segundo Milner, tem-se aí o momento de deslize de Saussure, pois

uma vez definidos, os anagramas apareceram, indubitáveis, em todo lugar: fora do verso saturnino, em todos os tipos de versos latinos, de qualquer data, e mesmo em versos modernos, cujo autor, consultado, negligenciou a resposta. A partir daí, Saussure estava diante de um real incontornável [...]. (Milner, 1987:55).

Este real incontornável faz com que Saussure busque de modo obsessivo, a prova final em relação a suas elaborações sobre os anagramas. Para Milner, o impasse causado pela existência dos anagramas nada tem de ilusão, mas há um ‘tocar’ no real, demonstrado através das homofonias. Nesse sentido,

[...] com este real da homofonia, condição do lapso e do chiste, a linguística não tem nada a ver. Ela o descarta, reduzindo-o à contingência (...). O anagrama revela-se então, ambíguo: de um lado, ele fala da pertença da homofonia à língua, como objeto da linguística; mas, por outro lado, ele diz o não-assimilável disto (...) por aí, pelo incontornável de seu real, ele coloca a língua em excesso, que a tomemos em si mesma ou na sua representação calculável: esta função de excesso, nós a chamamos alíngua. (Milner, 1987:56).

Nesta mesma perspectiva, Françoise Gadet e Michel Pêcheux (2004) assinalam que o desfecho das pesquisas sobre o indo-europeu no final do século XIX, com o movimento neogramático, pode ser considerado também como

O momento histórico dos começos (...) é o da constituição do princípio do valor: Saussure e o *Curso de Linguística Geral*; é claro, mas também os delírios etimológicos de Brisset (no final do século XIX) ou as preocupações de Victor Henry com a língua marciana. Os enigmas subterrâneos dos *anagramas*, das línguas criptográficas artificiais e das fronteiras da linguagem assombram imediatamente a jovem disciplina. (Gadet; Pêcheux, 2004:22).

É a partir destas concepções que Gadet e Pêcheux visualizam o movimento do discurso na história da linguística e, ao mesmo tempo, revelam como as teorias linguísticas desenvolveram-se, perpassadas pelas noções de sujeito, de política e de ideologia. Os autores, entretanto, não deixam de assinalar que, nesse contexto de descobertas científicas, há o surgimento de análises ‘subterrâneas’, não-científicas e, portanto, excluídas dos domínios acadêmicos.

Numa análise das posições histórico-linguística, Gadet e Pêcheux (2004) mostram que as diversas abordagens linguísticas do século XX constituíram diferentes posições, engendrando perspectivas distintas. Contudo, enquanto a jovem disciplina procura o verdadeiro objeto, “[...] a questão de um real da língua inscreve-se nessa disjunção maior entre a noção de uma ordem própria à língua,

imane à estrutura de seus efeitos, e a de uma ordem exterior [...]” (Gadet; Pêcheux, 2004:30).

Para esses autores, em um *apoio contraditório* aos escritos de Milner (1987), há uma abstenção da questão política n’*O amor da língua*, pois consideram haver não somente um *real da língua*, mas também um *real da história*: “[...] É também a razão pela qual as línguas naturais são capazes de política” (Gadet; Pêcheux, 2004:30). Mas não é somente pelo caráter político das línguas que se estabelecem as posições históricas e científicas a partir da linguagem humana: se *língua* e *estado* convergem, é por amor que os homens tornam-se loucos pela língua. Assim, os autores supracitados relacionam tal amor ao vínculo que se estabelece, pelo contato do corpo, na relação mãe-bebê. O amor pela língua-mãe transforma os seres humanos possuídos *pela loucura das palavras*, colocando o real na disjunção entre o interior e o exterior da própria língua, entre aquilo que é simétrico e o que não é. Conforme M. Pierssens, “Entre o amor pela língua materna e o desejo da língua ideal, a linguística científica revela ‘estranhos parentescos com aquilo que ela vive de excluir’” (*apud* Gadet; Pêcheux, 2004:48).

Neste sentido, na disjunção entre a loucura da língua materna e a loucura da língua ideal, estes autores retomam a relação entre língua e inconsciente – em que opera o *real da língua* – e correlacionam os fenômenos históricos aos fenômenos linguísticos como uma operação do *real histórico*. Deste modo, Gadet e Pêcheux (2004:55) observam que “[...] em toda língua, um segmento possa ser

ao mesmo tempo ele mesmo e outro, através da homofonia, da homossemia, da metáfora, dos deslizamentos do lapso e do jogo de palavras, e do bom relacionamento entre os efeitos discursivos”.

Neste sentido, a divisão que se impõe ao pai da Linguística, refletida no tema *Dois Saussure*, é resultado daquilo que Saussure propôs no *Curso de Linguística Geral* e daquilo que ele propôs nos estudos sobre os anagramas. Apesar disto, os autores supracitados ressaltam sua posição:

Sob essas duas formas aparentemente opostas, essa visão maniqueísta leva a jogar um dos dois Saussure contra o outro. Para nós, o saussurianismo não se divide assim: o que faz aqui irrupção na linguística (e que nela fica parcialmente entravado) refere-se precisamente à relação entre o diurno e o noturno, entre a ciência e a poesia (ou até a loucura). O que só pode ser concebível retomando-se as duas faces da obra saussuriana sob o domínio do conceito de valor. (Gadet; Pêcheux, 2004:57).

Deste modo, Gadet e Pêcheux argumentam que “Só se pode perceber a tese do valor ligando fundamentalmente o trabalho sobre os Anagramas com a reflexão do *Cours de Linguistique Générale*” (Gadet; Pêcheux, 2004:58). Por outro lado, esses autores completam: “[...] trabalho de Saussure faz do poético um deslizamento inerente a toda a linguagem: o que Saussure estabeleceu não é uma propriedade do verso saturnino, nem mesmo da poesia, mas uma propriedade da própria língua [...]”. (Gadet; Pêcheux, 2004:58).

Numa outra perspectiva, Silva (2009) propõe uma possível relação entre os estudos de Saussure sobre os anagramas e a Teoria do Valor do *Curso de Linguística Geral*, de modo que a noção de valor

perpasse as formulações presentes na análise dos anagramas. Nesta proposta, Silva destaca a teoria do valor como núcleo das articulações linguísticas de Saussure e como sendo “[...] um dos conceitos cardeais do pensamento saussuriano” (Silva, 2009:151).

A autora retoma o pensamento saussuriano no qual é a língua, enquanto sistema, que constitui suas unidades, ao recortar as massas amorfas entre os sons e as ideias, resultando destas relações os signos linguísticos. Além disso, o funcionamento da língua é efetivado nas relações entre os elementos do sistema, dadas a partir de suas respectivas diferenças, de modo que as características essenciais desses elementos refletem uma negatividade. De acordo com Silva (2009:159), “[...] a unidade possui uma existência positiva, mas ela nada vale em si mesmo no sistema, pois só existe e se constitui no jogo de diferenças negativas no sistema de língua”.

Neste sentido, o signo adquire o seu valor – além da própria significação – constituído pela diferença e negatividade, manifestada nas esferas sintagmáticas e paradigmáticas. Na primeira esfera, o valor diz respeito às relações que os elementos estabelecem na cadeia sintagmática de modo a operarem *in praesentia*. Já nas relações associativas (ou paradigmáticas) operam como catalisadores valorativos a partir de elementos ausentes (no sintagma), mas que convergem virtualmente para as diferenças que dizem respeito ao elemento analisado.

No caso dos anagramas, a autora ressalta que a unidade fundamental não é um fonema qualquer: são fonemas

hipogramáticos. Neste sentido, Silva retoma o verso latino |Ad mea *templ*a pörtâtô|, cujos fonemas destacados denotam a presença do significante Apolo, ainda que a sequência linear dos fonemas seja *Aploo*. Nas palavras da autora,

Se considerarmos que o verso acima esteja sob o “funcionamento linguístico comum”, os fonemas, ao se relacionar, formam palavras que, por sua vez, formam enunciados. Porém, no processo anagramático, somente os fonemas hipogramáticos (marcados no verso) adquirem importância, pois eles reconstituem o hipograma que foi anagramatizado [...]. (Silva, 2009:158).

Deste modo, Silva conclui que, da mesma forma que ocorre no sistema linguístico, o valor de um fonema hipogramático é estabelecido pelas relações diferenciais e negativas em relação a outros elementos presentes no verso. Por outro lado, o valor *in absentia* opera quando um dado fonema é hipogramático pelo simples fato de que ele próprio, e não outro, pertence ao anagrama. Da mesma forma, o valor *in praesentia* é dado pelas relações estabelecidas entre os elementos fônicos que reconstituem a palavra-tema.

Considerações finais

As considerações aqui propostas configuram-se mais como reflexões que emergem a partir dos levantamentos teóricos apresentados. Destaca-se, antes de tudo, o que é considerado como um marco na trajetória dos manuscritos saussurianos sobre os

anagramas, isto é, a leitura de Jean Starobinski, no final da década dos anos de 1960, destes manuscritos. De certo modo tal leitura agiu como um propulsor para estas novas reflexões em relação ao pensamento saussuriano.

Assim, quando alguns autores propõem uma oposição entre uma produção e outra de Saussure, observa-se que este posicionamento resulta, acima de qualquer outro aspecto, em uma retomada do próprio pensamento do mestre genebrino. Deste modo, Calvet (1975), ao tecer uma crítica à edição do *Curso de Linguística Geral* em oposição à descoberta dos manuscritos sobre os anagramas, quer provar o valor do pensamento de Saussure, para além dos aspectos linguísticos propostos no CLG.

Apesar do distanciamento postulado entre as produções de Saussure, em que sugere uma distinção entre uma ‘imagem de Saussure’ – referente à edição do *Curso de Linguística Geral* – e o ‘homem Saussure’ – aquele dos anagramas, da *parole*, Calvet (1975:41) procura a resposta em relação à questão “[...] qual é o lugar da Linguística na vida de Saussure?”. Entretanto, é provável que os diferentes pontos de vistas situados pelos autores no presente trabalho levantem a seguinte questão: que lugar ocupa Saussure na Linguística?

Vale lembrar que, já nas relações denominadas de tensão e contrapontos, há um pensamento convergente: a de que as pesquisas saussurianas tratavam de uma mesma questão, isto é, a língua. Entretanto, a primeira relação vê essas pesquisas num viés de

complementaridade, em que língua e *alíngua* fazem parte de um mesmo universo de linguagem, daquilo que constitui o próprio nó borromeano. Já na segunda relação, os autores tecem comparações entre os pontos teóricos do *Curso de Linguística Geral*, tais como signo, significante etc., convergindo para as formulações presentes no trabalho de Saussure sobre os anagramas. Neste aspecto, nesta relação, as ideias de Saussure são fertilizadas, ampliando/clareando aos leitores os conceitos delineados no CLG.

Além disso, observa-se que, numa relação de tensão, ao trazer à tona a questão do inconsciente da psicanálise, abre-se um campo de discussão para as questões como reais da língua e, numa abordagem da A.D., real da história. Observa-se, num aparente cruzamento de campos distintos, a partir da Linguística, da Psicanálise e da Poética, a linguagem emergir, tal qual Saussure considerou no CLG, como um fenômeno heteróclito. Por último, para além das perspectivas citadas, Silva (2009) distancia-se das postulações sobre a “dicotomia fácil”, apontando uma relação direta da Teoria do Valor do CLG com os próprios hipogramas conceituados nos trabalhos sobre os anagramas greco-latinos.

Portanto, acredita-se que, independente da perspectiva adotada, ao cotejar ambas as pesquisas de Saussure, sejam aquelas que reacendem o debate sobre a “dicotomia fácil” e colocam em campos opostos um *Saussure dos anagramas* contra um *Saussure do CLG*, sejam aquelas que relacionam diretamente tais pesquisas, são produzidas reflexões salutares nos estudos sobre a linguagem. Além

disso, tais perspectivas parecem refletir o próprio pensamento de Saussure, no qual ele destaca como a própria tarefa da Linguística, “[...] Procurar as forças que estão em jogo, de modo permanente e universal, em todas as línguas e deduzir as leis gerais às quais se possam referir todos os fenômenos peculiares da história [...]” (Saussure, 1973:13).

Referências bibliográficas

- ARON, Thomas. 1970. Une seconde révolution saussurienne?. In : *Langue française*. La description linguistique des texts littéraires, Paris, Larousse, v. 7, n. 1., pp.56-62.
- ARRIVÉ, Michel. 1995. Saussure aux prises avec la notion de Littérature. In: ARRIVÉ, M; NORMAND, C. *Saussure aujourd’hui*. Paris, p. 155-172.
- _____. 2007. *À la recherche de Ferdinand de Saussure*. Paris: Presses Universitaires de France.
- CALVET, Louis-Jean. 1977. *Saussure: pró e contra*. São Paulo: Cultrix.
- DE LEMOS, C. Thereza Guimarães. 1995. Da morte de Saussure o que se comemora? In: *Revista Psicanálise e Universidade*, São Paulo, n. 3, pp.41-51.
- _____. 2009. Poética e Significante. In: *Revista Letras & Letras*, Uberlândia, v. 25, pp.207-218.
- GADET, F.; PÊCHEUX, M. 2004. *A Língua Inatingível*. Campinas, SP: Pontes.
- JAKOBSON, Roman. 1971. La première Lettre de Ferdinand de Saussure sur les anagrammes. In : *L’Homme*. Paris, v. 11, pp.15-24.
- KINSER, Samuel. 1979. Saussure’s anagrams: Ideological Work. In: *MLN Comparative Literature*, Baltimore, v. 94, pp.1105-1138.
- LOPES, Edward. 1993. *A palavra e os dias: ensaios sobre a teoria e a prática da literatura*. Campinas, SP: UNESP.
- MILNER, Jean-Claude. 1987. *O amor da Língua*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- SAUSSURE, Ferdinand de. ([1916] 1973) *Curso de Linguística Geral*. 5ª. ed. São Paulo: Cultrix.
- SILVA, K. Alves. 2009. Breve estudo sobre os anagramas e sua relação com a teoria do valor em Saussure. *Revista Letras & Letras*. Uberlândia, v. 25, pp.145-160.
- SILVEIRA, Eliane. 2007. *As marcas do movimento de Saussure na fundação da linguística*. Campinas: Mercado de Letras.
- SISCAR, Marcos. 1997. A Poesia a dois passos: sobre os anagramas, de Ferdinand de Saussure. In: *Revista Alfa*, São Paulo, v. 41, pp.169-186.

- STAROBINSKI, Jean. 1974. *As palavras sob as palavras: os anagramas de Ferdinand de Saussure*. São Paulo: Perspectiva.
- TURPIN, Beatrice. 1995. Discours, Langue et Parole: une réflexion sur les Anagrammes et les études sur les Légendes. In: ARRIVÉ, M; NORMAND, C. In : *Saussure aujourd'hui*. Paris : CRL – Université Paris X – Nanterre, pp. 301-312.
- WUNDERLI, Peter. 2004. Saussure's anagrams and the analysis of literary texts. In: SANDERS, C. In: *The Cambridge Companion to Saussure*. Cambridge: Cambridge University Press, pp.174-185.